

Pequenas coincidências

Wilson Figueiredo *

O presidente Sarney teve a fortuna (naquele sentido tão bem aplicado por Maquiavel) de reunir ao acaso os centenários da República e do *soutien-Jorge* no último ano do seu infeliz mandato. Valeu a pena a troca de opinião a respeito. Voltou atrás na preferência pelos quatro anos, e, com o quinto, garantiu o final festivo a um governo deprimido pelo insucesso.

A História dirá oportunamente que Sarney foi o presidente dos centenários da República no Brasil e da criação do *soutien*, sem qualquer insinuação. Nenhum historiador se arriscou a estudar um centenário à luz do outro — os dois juntos. O fato palpável é que a República não se sustentou por si só. Conheceu golpes e contragolpes. O *soutien* teve desempenho muito mais firme.

A um mês da eleição, há pouco a dizer além do que corre por aí sobre candidatos. O que as pesquisas dizem de uns e outros não se escreve. Aliás, pouco se escreveu a respeito dos cem anos da República. Não se entende (subentende-se) tanta discrição no centenário do *soutien*, deslocado pela ênfase cívica de outros (vá lá) eventos. A importância do *soutien* não é apenas publicitária. Que o diga a política.

O presidente não pode se queixar (de eleitores, sim, com toda razão) do último ano do mandato, que dispôs de dois acontecimentos de peso histórico mas não tirou deles tudo que podiam propiciar a título de festa. Raramente coincidem sob o mesmo governo dois centenários com esse porte. Diz a publicidade a respeito que não se esquece o primeiro *soutien*. Força de expressão. O que não se esquece mesmo é a sustentável leveza dos seios.

A primeira eleição presidencial também é certo que o cidadão não esquece no país em que poucos se lembram da última vez em que votaram. As comemorações republicanas podiam ser adiadas — e foram jogadas para o futuro governo. A eleição, não. Em condições normais, o centenário da República seria suficiente para honrar um mandato presidencial que dispusesse apenas de pequenos afazeres para preencher o tempo.

Em condições normais, no entanto, os cem anos do *soutien* não ficariam para trás (a peça, aliás, usa-se à frente) entre as prioridades do encerramento de um mandato presidencial. Por si só, a comemoração bastaria à glória de um governo com o gosto das grandes celebrações e a inapetência para o trivial. São dois centenários imperdíveis que o presidente Sarney ia deixando passar

vazios no seu cheio programa de viagens.

A Revolução Francesa, que conta o dobro do tempo, tem mais a ver conosco nos antecedentes do que nas conseqüências. Sarney compareceu pessoalmente ao bicentenário do 14 de Julho. Uma delegação de nossos índios à corte francesa, antes da revolução, contribuiu ao vivo para reforçar a teoria do *bon sauvage*. Outra delegação oficial brasileira, duzentos anos depois, foi um fiasco em Paris. Que fazer?

Sarney tirou uma casquinha pessoal nas comemorações na própria terra da revolução e do *soutien*. O escândalo correu por conta da comitiva, que excedeu a capacidade de hospedagem oferecida. O presidente jogou história fora, mas o desperdício foi culpa do cerimonial que não se lembrou de incluir no calendário de viagens o centenário do Moulin Rouge, agora mesmo em outubro. Subdividida por tantas comemorações, a comitiva se diluiu, os custos cairiam e a viagem pareceria normal.

O *soutien* tem a sua própria história, embora pouco conhecida. Ao cabo de um século, a peça universal mal se agüenta como símbolo de pudor e elegância. Quem a sustenta é a propaganda comercial na televisão. Andou fora de moda e de uso depois que o movimento feminista sacudiu os preconceitos machistas. Quando se fala em revolução, e não se acrescenta um adjetivo, subentende-se que seja a francesa de 1789. As outras revoluções não dispensam o adjetivo que as identifica. Como o próprio nome atesta, o *soutien* é uma peça íntima que tem a mesma origem francesa — e, se um dia foi, já deixou de ser revolucionário há muito tempo. É hoje um conservador que trabalha por dentro.

A coincidência etária se revelou naturalmente, ao longo do século, entre a nossa república e o universal *soutien* pela circunstância de terem sido proclamados no mesmo ano de 1889. A data assinala também o centenário do *can-can*. Coincidência ou não, logo em seguida a República providenciou uma Constituição, que é — mal comparando — o *soutien* de qualquer democracia que se dá ao respeito dos cidadãos.

Na confusão de (vá lá) eventos, Sarney não se lembrou de fazer em Paris uma reverência a Toulouse Lautrec, que foi uma espécie de presidente de honra do Moulin Rouge, no ano do seu centenário. Voltando ao principal, vale lembrar que as nações vestem constituições há mais tempo. Nas monarquias robustas ou nas decotadas repúblicas, os *soutiens* passaram a ser feitos por encomenda. Há um ano a Nova República usa *soutiens* feitos sob medidas socialmente generosas e economicamente

apertadas. O presidente Sarney alega falta de ar e dificuldade de respiração no caso das suas relações com a Constituição. É que viveu quatro anos à vontade.

É verdade que o presidente é um aflito, um pouco pela sua natureza pessoal e muito pela ilegitimidade do mandato que o incomoda do ponto de vista biográfico. Por aflição, pediu e dispensou, no prazo de 24 horas, tempo para rebater, no rádio e na televisão, a suspeita levantada por um candidato no horário gratuito da campanha eleitoral. O direito de resposta também é gratuito. Só a suspeita não é gratuita, porque a venda das estatais envolve muito dinheiro (há quem considere as estatais os *soutiens* da economia brasileira, apenas porque sustentam o porte matronal da nossa estimada burocracia).

O similar nacional não pegou: porta-seio é muito óbvio. O galicismo acabou insubstituível. *Soutien* tem cachet e versatilidade de aplicação: sustentáculo, apoio, proteção, defesa, suporte. Atende a maior variedade de uso.

Um século de república e de *soutien*. Não há como desprezar um sentido oculto na coincidência que foge à nossa estreita percepção. Mas não é a ocultação uma das funções do *soutien* — e das mais respeitáveis?

A idéia republicana, bem mais antiga, desde os romanos se sustentava por suas virtudes intrínsecas. A necessidade de usar constituições apareceu muito depois. Antes da criação dos *soutiens*, já se cuidava de segurar as aparências. Com a moda das constituições, as repúblicas trataram de tirar proveito da relatividade, para contrastar com o absolutismo das monarquias.

Há duzentos anos os constituintes (no grito) franceses de 1789 lançaram no mercado as constituições por encomenda. Natural que fosse a França, pátria da alta e da íntima costura. Faltou leveza à criação dos ingleses, muito antes, embora tenham sobrado resistência e durabilidade ao material usado.

Numa época que faz do nu frontal um gênero fotográfico, é uma delicadeza de sentimentos o cuidado de velar a nudez da verdade com o manto diáfano da *lingerie*, no duplo centenário que arremata o mandato do presidente Sarney. *Soutiens* acabam tendo a ver com a democracia, com a mesma razão pela qual os espartilhos, de barbatanas de baleia, seguraram as monarquias absolutas e as repúblicas autoritárias. Era outra a moda.